

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA PRÁTICA: RELATO DE UMA AULA DE CAMPO NO JARDIM UNIVERSITÁRIO EM JUARA/MT

Renata Freitag¹; Alessandra Maria Filippin dos Passo Santos²

¹Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Curso de Administração, Mato Grosso, Brasil; ²Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Curso de Administração, Mato Grosso, Brasil.

Resumo: Este estudo analisa uma aula de campo com alunos do Ensino Médio em Juara/MT, visando conectar teoria e prática ambiental. A metodologia incluiu nivelamento teórico, visita técnica e caminhada transversal para diagnosticar impactos. Os resultados evidenciaram problemas como descarte de resíduos, erosão e espécies invasoras, contrapondo-se ao potencial ecológico da área. A experiência fortaleceu o pensamento crítico sobre a gestão de espaços públicos e a necessidade de conservação urbana.

Palavras-chave: Ecossistemas Urbanos; Degradação Antrópica; Metodologia Ativa; Sustentabilidade Local.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) constitui-se como um instrumento fundamental para a reconfiguração de paradigmas e comportamentos individuais, visando o estabelecimento de uma interação equilibrada e perene entre o ser humano e o ecossistema (Trevisol, 2003). Sob essa ótica, a EA deixa de ser uma temática periférica para se tornar uma urgência histórica, imposta pela severidade da crise socioambiental contemporânea, a qual exige a formação voltada à sustentabilidade como condição para a preservação da biosfera (Trevisol, 2003).

Nesse sentido, a eficácia de programas educativos ambientais está condicionada à integração entre o aporte teórico, o desenvolvimento de atitudes éticas e o domínio de competências técnicas voltadas à conservação (Andriguetto, 2010). A metodologia ideal pressupõe o uso do metabolismo urbano e de seus componentes naturais como laboratório vivo, partindo do microcosmo escolar e expandindo-se, gradualmente, até a escala global. Essa aprendizagem torna-se mais significativa quando ancorada na realidade imediata dos sujeitos, promovendo uma mudança comportamental que concilie o progresso econômico com a salvaguarda dos recursos necessários às gerações futuras.

Adicionalmente, Jacobi (2005) sublinha a dimensão política da EA, destacando o papel estratégico dos docentes na mediação de um pensamento crítico e reflexivo. O objetivo é qualificar o discente para enfrentar as tensões socioambientais, transformando hábitos sociais em prol de uma cidadania ambiental ativa e engajada. Para que essa

construção de conhecimento seja sólida, Giordan e Galli (2014) reiteram a centralidade da instituição escolar e a necessidade de profissionais capacitados para decodificar a complexidade ecológica de forma interdisciplinar. Portanto, urge a implementação de práticas pedagógicas que privilegiem a ação-reflexão e a problematização do contexto local como vias para a transformação da realidade ambiental (Santos; Barbosa, 2022).

Contudo, a educação ambiental no Ensino Médio exige estratégias que transcendam as barreiras da sala de aula, permitindo que o aluno confronte a teoria com a realidade local. No contexto de Juara, Mato Grosso, a rápida expansão urbana e a proximidade com áreas de transição ecológica tornam o estudo das áreas verdes urbanas um tema urgente e necessário para a formação crítica dos estudantes.

A construção de uma sociedade instruída e engajada com as causas ambientais tem na Educação Ambiental (Silva; Gomes; Serna, 2022) o seu pilar principal. Ela capacita os cidadãos a participarem da governança ambiental, transformando a teoria em ação prática. Esse processo de compreensão e cuidado com o ecossistema é alimentado pelas experiências sensoriais e práticas que as pessoas estabelecem com o ambiente em que vivem (Tucker; Izadpanahi, 2017).

Áreas verdes urbanas desempenham funções ecossistêmicas vitais, desde o controle térmico até a manutenção da saúde mental da população. No entanto, esses espaços frequentemente sofrem com a pressão antrópica. Este resumo apresenta a experiência pedagógica de uma aula de campo realizada com alunos do terceiro ano do ensino médio,



utilizando a área verde do bairro Jardim Universitário como laboratório vivo para o desenvolvimento da consciência ecológica e análise de impactos ambientais.

Conforme apontam Fernandes et al. (2003), a análise da percepção ambiental é crucial para decifrar como o ser humano interage com o meio, revelando seus desejos, julgamentos e comportamentos. Esse fenômeno não é apenas biológico, mas uma construção complexa que une estímulos sensoriais a contextos históricos e culturais. Na prática, o indivíduo converte sensações em representações mentais subjetivas, moldadas por sua bagagem emocional, vivências e interesses pessoais.

O objetivo desta atividade foi proporcionar uma experiência de aprendizagem prática e multidisciplinar que integrasse a promoção da saúde física e mental dos discentes ao contato direto com a natureza, visando fomentar a valorização do patrimônio ambiental local e desenvolver uma percepção crítica sobre a preservação de áreas verdes urbanas, a partir da identificação e análise de interferências humanas negativas.

MATERIAL E MÉTODOS

A atividade pedagógica em questão foi executada em março de 2026, contando com a participação ativa de uma turma de discentes do terceiro ano do Ensino Médio Técnico. Com o objetivo de integrar teoria e prática no ensino de ciências ambientais, a metodologia foi estruturada em três fases complementares e interdependentes:

Inicialmente, realizou-se uma etapa de nivelamento teórico em sala de aula. O foco concentrou-se na análise dos ecossistemas urbanos, discutindo-se as dinâmicas de resiliência e os impactos severos decorrentes da urbanização desenfreada. Nesta etapa, os alunos foram introduzidos aos métodos científicos de observação de campo, aprendendo a diferenciar dados quantitativos de descrições qualitativas, preparando-os para o rigor necessário na coleta de informações externas.

A aplicação prática ocorreu por meio de uma visita técnica à área verde do Jardim Universitário, localizado no município de Juara/MT. Para otimizar a coleta de dados, a turma foi organizada em grupos de trabalho colaborativos. Equipados com roteiros de observação estruturados e dispositivos para registro fotográfico, os estudantes documentaram sistematicamente a biodiversidade local, atentando-se à flora nativa e à presença de fauna sinantrópica.

A etapa final consistiu em um debate in loco, aproveitando a vivência imediata do ambiente observado. Utilizou-se o método da caminhada

transversal, que permitiu aos alunos identificar visualmente a gradação do impacto ambiental. Através deste percurso, foi possível contrastar as zonas de borda, mais expostas à interferência humana e poluição, com as áreas mais preservadas do interior. Esse exercício foi fundamental para que o grupo compreendesse, de forma empírica, como o efeito de borda e a ocupação urbana alteram a estrutura e a saúde dos remanescentes florestais locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura acadêmica, exemplificada pelo trabalho de Pedrini, Costa e Ghilardi (2010), defende que a Educação Ambiental só atinge seu pleno potencial quando precedida por uma análise da percepção dos envolvidos. Essa visão é compartilhada por inúmeros especialistas que enxergam nessa etapa o caminho para intervenções pedagógicas mais assertivas e profundas.

No âmbito da Educação Ambiental, é vital estimular os estudantes a debaterem dilemas ecológicos sob a ótica da pluralidade de conhecimentos, integrando o rigor científico à sabedoria popular e tradicional (Oliveira, 2016). Essa abordagem permite que o aluno desenvolva um pensamento crítico e reflexivo, tornando-se apto a formular soluções para os problemas de sua própria realidade. Para que tais propostas se concretizem, contudo, é indispensável buscar a harmonia entre os pilares econômico, social e ecológico. Atuar com ética e responsabilidade no presente é a única via para garantir a resiliência do planeta e o bem-estar das futuras gerações (Santos; Cândido, 20022).

Durante a atividade de campo, os alunos puderam identificar claramente o contraste entre o elevado potencial ecológico da área e os persistentes desafios de sua manutenção. A imersão prática resultou em um aumento notável no engajamento do grupo, que passou a observar o entorno com um olhar crítico e científico. A atividade física, quando associada ao contato direto com a vegetação nativa, foi relatada pelos estudantes como um fator determinante na redução do estresse acadêmico, corroborando a literatura sobre a função social e terapêutica das infraestruturas verdes em ambientes urbanos e educativos.

Entretanto, essa percepção positiva foi confrontada por diagnósticos preocupantes. Foram registrados diversos focos de descarte irregular de resíduos sólidos, variando de lixo doméstico a restos de construção civil, concentrados principalmente nas bordas da área verde. Esse cenário revela uma falha na gestão de resíduos e na conscientização da comunidade circundante. Além disso, a biodiversidade local encontra-se ameaçada pela



presença de espécies vegetais invasoras, que exercem uma competição agressiva com a flora nativa, podendo levar à homogeneização da paisagem e perda de nichos ecológicos.

No que tange aos aspectos geofísicos, as trilhas de maior fluxo apresentaram sinais nítidos de degradação. A compactação excessiva do solo, decorrente do pisoteio constante, impediu a infiltração natural da água pluvial, resultando no surgimento de sulcos erosivos. Este processo, agravado pelo manejo inadequado do tráfego humano e pela ausência de sistemas de drenagem, compromete diretamente a estabilidade das encostas locais, demandando intervenções urgentes de engenharia natural e planejamento de trilhas para evitar o agravamento do passivo ambiental.

Quanto a compreensão de como os discentes percebem o meio ambiente, este constitui um pilar estratégico para o êxito das ações em Educação Ambiental (EA). Nesse sentido, Marques et al. (2022) analisam o engajamento estudantil frente às problemáticas ecológicas, ressaltando que a eficácia pedagógica está intrinsecamente ligada à implementação de programas que fomentem uma consciência ambiental de caráter crítico e participativo.

De forma complementar, Manica e Johann (2019) investigam o domínio conceitual de alunos do ensino médio acerca da gestão de resíduos sólidos domésticos. Os resultados apontam para a existência de lacunas cognitivas expressivas no que tange ao descarte e destino final dos resíduos, o que reitera a urgência de aprimorar as metodologias educativas para tornar o conhecimento sobre a sustentabilidade mais prático e efetivo no cotidiano escolar (Melo, 2024).

Quando os alunos do ensino médio técnico foram questionados sobre a experiência da aula de campo no ensino médio técnico, obteve-se relatos impressionantes:

- "Sempre passei perto dessa área, mas nunca tinha olhado para ela com 'lentes de cientista'. Durante a caminhada transversal, foi chocante ver como a borda da mata sofre com o lixo e as plantas invasoras, enquanto o interior ainda tenta resistir. Aprender sobre o 'efeito de borda' na prática mudou minha visão: não é apenas mato, é um ecossistema que estamos sufocando com o descarte irregular de entulho e lixo doméstico."

- "Na sala de aula, a gente ouve falar de erosão e compactação do solo como algo distante, de livro didático. Mas ali no Jardim Universitário, a gente viu os sulcos abertos no chão porque a água não consegue mais infiltrar devido ao pisoteio. Ver que o nosso próprio uso inadequado das trilhas causa esse impacto

me fez entender que a gestão ambiental de Juara precisa de técnica e de educação urgente."

- "A rotina do terceiro ano é muito estressante, com muita pressão para o vestibular, Enem e formatura. Sair da sala de aula e ter esse contato direto com a vegetação nativa foi um alívio. Além de aprender sobre a biodiversidade local, senti que o ambiente verde ajudou a baixar o estresse. É triste ver que um lugar que nos faz tão bem está tão mal cuidado pela própria população."

- "A aula de campo me fez perceber que não podemos só culpar a prefeitura por tudo. Vi muito lixo de construção civil das obras que ocorrem aqui ao lado e doméstico que foi jogado ali pelos próprios moradores. O debate no final da visita abriu meus olhos: a conservação urbana é um compromisso nosso também. Saí da aula pensando em como poderíamos organizar mutirões e colocar placas educativas para tentar salvar a mata ciliar que sobrou."

A partir do diagnóstico das vulnerabilidades locais, os alunos promoveram um debate crítico acerca da responsabilidade compartilhada entre o poder público e a sociedade civil. O cerne dos questionamentos residiu na compreensão de que a manutenção da qualidade de vida urbana não é uma obrigação unilateral do Estado, mas sim um compromisso interdependente. Enquanto cabe ao poder público a formulação de políticas estruturantes e a provisão de serviços essenciais, a comunidade atua como o olhar atento que fiscaliza, preserva e valoriza o espaço comum.

A identificação precisa dos gargalos ambientais e sociais serviu como catalisador para a proposição de intervenções práticas e estratégicas. Entre as soluções discutidas, destacaram-se os mutirões de limpeza, que possuem um caráter imediato de zeladoria e um forte componente de coesão social. Complementarmente, a implementação de uma sinalização educativa foi apontada como ferramenta indispensável para o letramento ambiental, transformando áreas de descarte irregular em pontos de conscientização coletiva.

Abaixo, os registros fotográficos capturados durante a atividade ilustram a aplicação do método da caminhada transversal e o engajamento dos estudantes na coleta de dados. As imagens evidenciam tanto a biodiversidade resiliente do local, servindo como prova documental do contraste entre a beleza natural e a urgência de intervenções de conservação no ecossistema urbano de Juara.



Figura 1. Visita técnica na área verde do Jardim Universitário, Juara/MT. Fonte: Elaborado pelo autor, 2026.



Por fim, o debate avançou para soluções de longo prazo, como os projetos de recuperação da mata ciliar urbana. Essa medida foi vista como vital não apenas para a preservação dos recursos hídricos e controle de enchentes, mas também como uma estratégia de reabilitação da biodiversidade no ecossistema das cidades. Em suma, a articulação entre o saber acadêmico e a prática comunitária revelou-se o caminho mais viável para a construção de um ambiente urbano resiliente e sustentável.

Portanto, segundo a perspectiva de Souza et al. (2016), o trabalho de campo atua como uma ferramenta pedagógica que conecta o conhecimento teórico à realidade empírica. Ao utilizar a observação direta e a investigação *in loco*, os estudantes conseguiram assimilar melhor as dinâmicas do espaço geográfico, fortalecendo uma visão interdisciplinar e estimulando a postura científica diante do objeto de estudo (Santos et al., 2025).

CONCLUSÃO

A aula de campo no Jardim Universitário demonstrou ser uma ferramenta pedagógica eficaz para consolidar o pensamento crítico em alunos do terceiro ano. Ao confrontar o lixo e a erosão em um espaço que deveria ser de preservação, o aluno deixa de ver o meio ambiente como um conceito abstrato de livro didático e passa a entendê-lo como parte integrante de sua realidade cotidiana em Juara.

Conclui-se que a valorização destas áreas depende da ocupação consciente e do conhecimento técnico. Atividades como esta não apenas formam cidadãos mais conscientes, mas também fornecem dados reais que podem subsidiar futuros projetos de extensão e gestão ambiental municipal, unindo a academia, a escola e a comunidade.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, à Escola Técnica de Juara e escola parceira Oscar Soares pelo apoio institucional e incentivo à pesquisa científica, e à organização do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (CoBICET) pela oportunidade de divulgação deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRIGHETTO, A. Meio Ambiente e Educação. **Direito em Debate**, v. 19, n. 33-34, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/625>. Acesso em: 30 abr. 2026.

FERNANDES, Roosevelt; SOUZA, Valdir José; PELISSARI, Vinicius Braga; FERNANDES, Sabrina. **Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental**. São Paulo: USP, 2003.

GIORDAN, M. Z. e GALLI, V. B. **Educação Ambiental um Eixo Norteador na Mudança de Comportamento**. X ANPED SUL. Anais... Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/191-1.pdf. Acesso em: 30 abr. 2026.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 244, 2005.

MANICA, Everton Josué; JOHANN, Liana. Avaliação do conhecimento de alunos do ensino médio sobre o destino dos resíduos sólidos domésticos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 14, n. 4, p. 74-86, 2019.

MARQUES, Welington Ribeiro Aquino; RIOS, Diego Lisboa; ALVES, Kerley dos Santos. A percepção ambiental na aplicação da Educação Ambiental em escolas. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 17, n. 2, p. 527-545, 2022.

MELO, Henrique Emmanuel Cavalcante de. Desafios e estratégias na Educação Ambiental do Ensino Médio brasileiro: uma revisão bibliográfica (2014-2023). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 260-268, 2024.

OLIVEIRA, F. A. G. A. Educação ambiental como meio para a sustentabilidade. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 39-52, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/18911/12624>. Acesso em: 30 abr. 2026.

PEDRINI, Alexandre; COSTA, Érika Andrade; GHILARDI, Natalia. Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 16, n. 1, 2010. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132010000100010>.

SANTOS, L. S.; BARBOSA, L. C. A.; LOPES, G. R. A química do café e o seu potencial como tema para o ensino de química. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 256-267, ago. 2022. Disponível em: https://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc44_3/04-QS-33-21.pdf. Acesso em: 30 abr. 2026.

SANTOS, Flávio Reis. CÂNDIDO, Cristiane Raquel Ferreira. A percepção sobre meio ambiente e Educação Ambiental na prática docente das professoras das escolas municipais rurais de Morrinhos, GO. **Interações**, Campo Grande, MS, v.



24, n. 1, p. 175-191, jan./mar. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v24i1.3476>.

SANTOS, Alan Christian Moreira dos; SCABIO, Aline Cristina Moreira; SOUZA, Bruna Alexia do Nascimento Brum de; SANTOS, Joao Vitor Moreira Martins dos. Educação ambiental em perspectiva: aula de campo como ferramenta pedagógica no ensino de ecologia e meio ambiente: uma proposta didática integrada à BNCC. **Lumen et Virtus**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 51, p. 1-11, ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv16n51-025>. Acesso em: 30 abr. 2026.

SILVA, Dweison Nunes Souza; GOMES, Edvânia Torres Aguiar; SERNA, Aura González. Educação Ambiental no Novo Ensino Médio: o que há de 'novo'? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 34, p. 127-147, jan./abr. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v16i34.1466>. Acesso em: 30 abr. 2026.

SOUSA; Cristiane Aureliano de, MEDEIROS; Monalisa Cristina Silva, SILVA Jose Adailton Lima, CABRAL, Laise Nascimento; A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**. 2016. p. 06.

TREVISOL, J. V. A **educação em uma sociedade de risco: tarefas e desafios a construção da sustentabilidade**. Joaçaba: UNOESC, 2003.

TUCKER, R.; IZADPANAHI, P. Live green, think green: Sustainable school architecture and children's environmental attitudes and behaviors. **Journal of environmental psychology**, v. 51, p. 209-216, 2017.